

Terapias mágico-rituais e práticas populares de cura: um estudo de tratados médicos europeus séculos (XV à XVIII)

ROBERTO POLETTO¹

ELIANE CRISTINA DECKMANN FLECK²

RESUMO

Neste artigo, apresentamos a análise dos *Tratados Médicos* Regimento proueytoso contra ha pesteneça de Dom Raminto (c.1496), *Principios de cirugia de Geronimo de Ayala* (1705), *Doctrina moderna para los sangradores de Ricardo Le Preux* (1717) e o manuscrito da *Materia Medica Misionera do irmão jesuíta Pedro Montenegro SJ*. ([1710], 1790). Apesar de terem sido publicados em momentos bastante distintos, constata-se neles, a despeito da evolução da medicina e da química, a permanência de práticas de cura ligadas, tanto ao universo do sagrado e das crenças populares, quanto dos pressupostos da medicina hipocrático-galênica, conciliando, na maioria das vezes, práticas e saberes em seus receituários.

Palavras-chave: práticas de cura, crenças populares, história da medicina

ABSTRACT

In this article, we present the analysis of *Medicine Treaties*: Regimento proueytoso contra ha pesteneça by Dom Raminto (c.1496), *Principios de cirugia* by Geronimo de Ayala (1705), *Doctrina moderna para los sangradores* by Ricardo Le Preux (1717) and the manuscript of *Materia Medica Misionera* by Jesuit brother Pedro Montenegro SJ. ([1710], 1790). Despite having been published in different moments, we can still find in

¹ Acadêmico do curso de História/ UNISINOS. Bolsista PIBIC- CNPq/ UNISINOS

² Orientadora. Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em História/ UNISINOS

them the medicine and chemical evolutions, the permanence of cure practices linked, both to the sacred universe and the popular beliefs, as well as to the medicine Hippocratic- galenic assumptions, harmonizing, most times, practices and knowledge in their recipes.

Key words: *cure practices, popular beliefs, medicine history.*

INTRODUÇÃO

A história da humanidade é marcada, desde tempos imemoriais, pela busca da cura para os males que afligiam as populações. Para tanto, os homens se valiam de duas posturas: da busca pela cura através de terapêuticas mágico-rituais, com influência evidente dos saberes populares e da religiosidade, ou, então, através da racionalidade, caminho trilhado inicialmente pelos gregos, com destaque especial para a escola hipocrática³, que viria a ser retomada, posteriormente, com o Renascimento.

Este artigo se propõe, a partir da análise de alguns Tratados Médicos europeus seiscentistas e setecentistas, a evidenciar a permanência, dos saberes e das práticas mágico-rituais, ou seja, o contraponto da medicina hipocrático-galênica, baseada no equilíbrio dos humores⁴. Vale lembrar que neste período, encontramos, ao lado de rituais religiosos que buscavam a garantia da boa morte – em que a salvação da alma é priorizada em relação à cura do corpo –, o uso disseminado de amuletos

e encantamentos que consistiam em terapêuticas largamente empregadas.

Para melhor compreender a mentalidade vigente à época do Antigo Regime, especialmente da relacionada às artes de curar, recorri à bibliografia clássica e de referência obrigatória sobre esta temática, tais como as obras de Le Goff (1984), Delumeau (1990), Thomas (1991), Bloch (1993) e Vigarello (2008), que me deram o aporte necessário para entender tanto o universo católico, quanto o protestante. Em relação a estas práticas de cura no “Novo Mundo” americano, destaco as obras de Carneiro (1994), Ribeiro (1997), Edler (2006) e Almeida (2010), que trabalham questões como a circulação de saberes e de medicamentos no período, o uso de rituais mágicos, assim como o emprego das plantas e dos animais nas práticas curativas. Vale destacar, o investimento que fiz em obras que se dedicassem a reconstituir as práticas de escrita e de leitura deste período, em especial, de Chartier (1994, 1998) e Burke (1995), que me ajudaram a entender a difusão e a apropriação de saberes veiculados pelos manuscritos e manuais de medicina produzidos neste período na Europa e na América, bem como para análise dos prefácios, dedicatórias, autorizações de circulação e censuras que constam nestes tratados.

MATERIAL E MÉTODOS

Ao analisar os tratados médicos que integravam as bibliotecas dos colégios jesuíticos, constatei a forte

³ “[...] escola médica grega ligada ao nome de Hipócrates (c. 460 a.C 377 a.C): uma escola que, afastando-se das práticas mágicas dos adivinhos, como das receitas empíricas dos curandeiros, queria elaborar uma medicina racional, a partir de um duplo procedimento: procurar as causas das doenças com a ajuda de múltiplas observações e depois aplicar os remédios apropriados.” (MOSSÉ in LE GOFF, 1984, p.40)

⁴ “[...]o corpo humano seria constituído por sangue, pítuita, bile amarela e bile negra. Existiria saúde quando esses princípios estivessem em justa relação de equilíbrio (crase), de força e de quantidade, em perfeita mistura. Existiria a doença quando um desses princípios estivesse, seja em menor quantidade, seja em excesso, ou, isolando-se no corpo por uma espécie de obstrução, não se combinasse harmonicamente com o resto.” (EDLER, 2006, p.34)

presença das concepções de cura ligadas à escola hipocrático-galênica de medicina, bem como de práticas mágico-religiosas. Em relação aos tratados do século XVIII, ficaram evidentes os avanços havidos nas terapêuticas e nos medicamentos empregados, devido à introdução de elementos químicos na composição do receituário e ao crescente racionalismo decorrente da escola Cartesiana.

Os Tratados analisados neste artigo serão pela ordem cronológica, o *Regimento proueytoso contra ha pesteneça*, escrito no final do século XV, pelo bispo Dom Raminto e ainda nos moldes dos antigos *regimina* medievais⁵. O Tratado seguinte foi publicado originalmente no terceiro quartel do XVII, porém nos servimos de uma edição do início do século XVIII. Foi escrito por Geronimo de Ayala e intitula-se *Principios de Cirugia*⁶. O terceiro manual utilizado foi originalmente escrito em 1710, pelo jesuíta Pedro Montenegro e intitula-se *Materia Medica Misionera*, porém nos utilizamos de um manuscrito do ano de 17907. Por fim utilizamos um tratado originalmente francês, traduzido em 1717 para o espanhol. Trata-se da *Doctrina moderna para los sangradores*⁸, escrito por Ricardo Le Preux. Apesar das diferenças temporais entre os Tratados poderão ser notadas, ao longo do texto, diversas percepções semelhantes no modo de se ver e combater as doenças.

⁵ “[...] textos medievais de natureza normativa, escritos para advertir sobre a higiene do corpo e sobre a prevenção a enfermidades.” (SOUSA, 2005, p.2)

⁶ Principios de Cirugia, utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad. Escrito por Geronimo de Ayala e publicado no ano de 1705, em Valencia, por Jayme de Bardazar.

⁷ O manuscrito encontra-se no Instituto Anchieta de Pesquisas - IAP- de São Leopoldo. Vale destacar também que existe uma versão on-line da obra na biblioteca virtual do Paraguai.

⁸ Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia. Escrito por Ricardo Le Preux e publicado no ano de 1717 em Madrid por Francisco de Yerro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os séculos em foco, a medicina ainda encontrava poucas soluções para o enfrentamento das doenças. As epidemias havidas tanto na Europa quanto na América pós-contato, ceifaram a vida de milhões de pessoas. As práticas de cura consideradas racionais ainda eram aquelas elaboradas pelos clássicos gregos que se mantinham ligadas a tríade de purgas, sangrias e evacuações.

Essas práticas, ainda que consagradas, traziam grandes sofrimentos físicos aos pacientes. A dor ainda estava longe de ser controlada, posto que a anestesia só foi oficialmente descoberta em meados do século XIX⁹. Algumas tentativas de controle com o uso de bebidas alcoólicas, assim como o vitriolo doce¹⁰ eram praticadas, porém elas não combatiam a dor de maneira efetiva.

Desse modo, o bom cirurgião seria aquele que desempenhasse com agilidade sua função para que a dor inevitavelmente sentida pelo paciente tivesse ao menos uma curta duração. Nos *Principios de cirugia*, Ayala traz oito preceitos de Guido para

⁹ Apesar das controvérsias sobre o nome do inventor da anestesia, ela se difundiu na década de 40 do século XIX. Ver FERNANDES, C. R.; JACKSON, Ricardo. O Alvorecer da Anestesia Inalatória: Uma Perspectiva Histórica. Revista Brasileira de Anestesiologia (Online), São Paulo, v. 52, n. 6, p. 774-782, 2002.

¹⁰ Paracelso já conhecia o vitriolo: “Paracelso (1493-1543), médico e alquimista suíço, em 1540, adotou a comida de galinhas com o “óleo doce de vitriolo” e observou a sua ação anestésica. Assim escreveu sobre suas experiências: “O óleo doce de vitriolo tem tal doçura que é tomado até mesmo por galinhas, e elas adormecem em pouco tempo, extinguindo as dores e o sofrimento. Depois despertam sem qualquer dano” (in FERNANDES, 2002, p.775).

Rafhael Bluteau, assim caracterizava o Vitriolo: “He hum sal mineral, assim chamado à Vitreo Colore, porque bem purificado, fica luzidio, e nisto tem alguma semelhança com vidro. Ha quatro especies géraes de vitriolo [...]” (BLUTEAU, 1728, p.533).

quando se obren con los instrumentos las heridas de cabeça, sendo que o oitavo destaca que: “El octavo es, que las obras de la cabeça se hagan lo mas breve, y com el menos dolor que se pudiere [...]” (AYALA, 1705, p.84).

Na mesma obra fica demonstrada a dificuldade prática que uma intervenção cirúrgica podia acarretar aos cirurgiões, pois a falta de anestesia determinava necessariamente que o paciente se mexeria durante a operação. São diversas as passagens em que o autor fala da necessidade de um ou dois ajudantes para imobilizar o paciente ou do próprio *Artífice* tendo que segurá-lo. Evitar movimentos bruscos poderia determinar o sucesso de uma operação. Entre as regras para retirada de escrófulas uma delas determina que:

“La tercera, que sean empinados; de suerte, que lè ponderemos al enfermo, **estando sentado el Artífice; la cabeça entre nuestras rodillas**, y tomando el lamparon con la mano izquierda, cortarèmos poco à poco longitudinalmente; y descubierto, lo sacarèmos con su cestilla, que conocerà en lo blando, y duro, y guardándonos de los nervios recurrentes;” (AYALA, 1705, p.51) (grifos nossos)

Esse quadro encontrado na medicina tradicional ligada inexoravelmente à dor e com uma precisão amplamente questionável abre espaço para considerarmos o eixo central de nossa análise. As curas ligadas ao sobrenatural seja ele de filiação eclesíastica ou popular. A população recorrerá a essas práticas admitindo que, mesmo que fossem ineficazes não seriam também prejudiciais¹¹.

¹¹ Sobre isso, Marc Bloch escreveu com relação ao toque régio: “No reinado de Guilherme de Orange, o médico inglês Carr já observava que, não importando o que se pudesse pensar da eficácia do toque régio, ele pelo menos tinha a vantagem de não ser nocivo: grande superioridade sobre bom número de remédios que a antiga farmacopéia oferecia aos escrofulosos.

Ainda devemos considerar a pesada influência da Igreja Católica sobre a mentalidade da população nesse período. Apesar de considerar a doença como um castigo de Deus pelos pecados do homem a própria instituição buscava internamente manter boticas e na Idade Média foram os primeiros a preocupar-se com a constituição de hospitais¹².

A salvação da alma nesse sentido, não impedia a cura do corpo que, muitas vezes, foi buscada não apenas através de um receituário adequado ao período, mas também através de relíquias ligadas a membros da Igreja: “[...] as relíquias, orações, novenas, águas e óleos bentos desses santos são o veículo oficial exclusivo da esperança de cura e de consolo da sociedade medieval.” (CARNEIRO, 1994, p.29) Os sacramentos também foram utilizados para o combate das doenças. O *Regimento proueytoso contra ha pesteneça* adverte que:

“Polo qual debes de notar que, segundo diz o grande médico, David, que primeiro se deve o homem de afastar do mal e inclinar-se ao bem, que homem **primeiramente há de confessar seus pecados humildosamente**. Pola qual causa **grande remédio é, em tempo da pestilência, a santa penitência e a confissão, as quais precedem e são muito melhores que todas as mezinhas**, (RAMINTO, (c.) 1496, fol. a5) (grifos nossos)

A visão de Deus como grande artífice das curas era compartilhada entre membros do clero e do cor-

Algumas vezes, a possibilidade de recorrer a esse tratamento maravilhoso, o qual era universalmente considerado eficaz, deve ter impedido que os doentes usassem meios mais perigosos. Desse ponto de vista - puramente negativo - tem-se indubitavelmente o direito de imaginar que mais de um pobre homem deveu ao príncipe sua cura.” (BLOCH, 1993, p.278)

¹² Sobre esse tema ver o texto de Annie Saunier intitulado *Do lado dos doentes: A vida quotidiana nos hospitais da Idade Média* in LE GOFF, Jacques. *As Doenças têm História*. Lisboa: Terramar, 1984, 368p.

po médico. Estes últimos talvez proliferavam essas ideias preocupados com as consequências que uma possível inquirição dos Tribunais do Santo Ofício poderia causar¹³. Assim, mesmo quando não se está relacionando com objetos de cunho religioso, o sucesso de uma prática terapêutica era atribuído à bondade de Deus.

Ao falar sobre a erva Mate, uma das principais fontes de renda das reduções jesuítas, o irmão Pedro Montenegro faz grande elogio às virtudes da planta, tanto do ponto de vista estético quanto medicinal, mas inicia destacando o seu criador: “Crio el todo Poderoso en estas tierras ultimas dela America este arbol tan hermoso, y agradable ala vista como gustoso, y provechoso a sus abitadores [...]” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790, p.12)

Montenegro era um religioso, o que poderia fundamentar sua posição, porém Ayala, cirurgião da corte espanhola, mantém a mesma ideia de um Deus criador e todo poderoso. Ao escrever sobre as apostemas, fundamentou sua proposição na ideia dos elementos contrários¹⁴, ou seja, embasou-se no

¹³ Chartier demonstra que essa preocupação com a repressão do escrito fez com que além “de censuras exteriores (administrativas, judiciárias, inquisitoriais, escolares, etc.)” havia também “dispositivos que, no interior do próprio livro, parecem (jam) refrear a interpretação do leitor.” (CHARTIER, 1994, p.26) É essa espécie de auto censura que parecia haver entre alguns membros do corpo médico ao não questionar os poderes divinos na arte de curar.

¹⁴ Segundo Reis as qualidades contrárias foram adicionadas à teoria hipocrática por Aristóteles e Galeno, posteriormente transformou essas concepções numa teoria médica: “Posteriormente, Aristóteles atribuiu duas qualidades a cada elemento, de tal forma que a água era fria e úmida; o ar era quente e úmido, enquanto o fogo era quente e seco “e a terra, seca e fria. A aquiescência de Aristóteles tornou essa teoria numa espécie de dogma para o mundo antigo que se perpetuou no Medievo e assim se manteve durante boa parte do Renascimento. Mas, será Galeno de Pérgamo (século II) quem irá transformar as ideias humorais hipocráticas e as antigas teorias dos quatro elementos numa nova teoria médica.” (REIS, 2009, p.1)

que era predominante na medicina e tido como científico naquele período, porém lembra também de advertir que: “[...] *medicinas, y cosas criadas, obran con la facultad que Dios les diò quando criò el Mundo, y cosas naturales; y assi las cosas criadas son contrarias unas de otras, por las qualidades que poseen contrarias;*” (AYALA, 1705, p.35) (grifos nossos)

Ainda demonstrando a influência da fé nas curas, é comum observarmos nos Tratados de Medicina do período uma preocupação em marcar o tempo de aplicação de um purgativo, emplasto ou ventosa pelo tempo de orações. Com isso podemos supor que para que não houvesse erro o cirurgião ou outro profissional que estivesse realizando o processo, acabava rezando a oração determinada, como uma forma de marcar o tempo. Na *Doctrina moderna para los sangradores*, Le Preux ao falar sobre a aplicação das ventosas argumenta que:

“[...] *la aplicarè al instante, apretandola medianamente, è igualmente contra la carne; de suerte, que pegue bien, lo qual se conocerà, apagandose las candelillas, y levantandose la carne, que serà en muy breve tiempo, tardarè en quitarla como cosa de un Credo, ò dos Ave Marias, aviendo de sarjarse, para que no se quaxe la sangre.*” (LE PREUX, 1717, p.98)

Outra questão profundamente influenciada pelo pensamento clerical é o da sexualidade. Os mecanismos de controle exercidos sobre o corpo, assim como o comportamento tido por adequado, eram em grande medida fruto da visão conservadora da Igreja, assim como pela coletividade e suas inspirações variáveis em cada período¹⁵. Dessa forma, um

¹⁵ Sobre esse tema ver o texto de Sara Matthews-Grieco intitulado *Corpo e Sexualidade na Europa do Antigo Regime* VIGARELLO, Georges. *História do Corpo. Da Renascença às Luzes*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008, 663p.

comportamento tido por inadequado poderia ser o catalisador para o surgimento de enfermidades. É certo que doenças venéreas como a gonorreia e a sífilis ajudavam a disseminar esse “medo coletivo¹⁶”, porém muitas vezes, o sexo era considerado por si só como um facilitador para a proliferação das moléstias. O *Regimento proueytoso* deixa isso claro quando cita que:

“[...]deves de notar que os corpos mais despostos à infirmitade e à morte são os corpos quentes e que têm os poros mais largos e os corpos peçonhentos, que têm os poros opilados e çarrados de muitos humores. **E por tanto dos quais se faz a grande resolução, assi como são os corpos desordenados em luxúria e coito.**” (RAMINTO, (c.) 1496, fol. a4) (grifos nossos)

Os tratamentos também poderiam variar, se a causa da doença fosse de ordem sexual. Nos *Principios de Cirurgia*, ao falar sobre o *Encordio*, espécie de inchaço nas glândulas, Ayala demonstra que os tratamentos poderiam ser variados para a cura do encordio:

“Esta se hará como en el flémon, y la antecedente, sangrando de la vena del arca, si es causa primitiva, ù de muy buena sangre: **pero si es de causa deshonesto, sangramos del tobillo,** y purgamos segun Fragoso” (AYALA, 1705, p.63) (grifos nossos)

O mesmo autor parece demonstrar que o cuidado com sexualidade deve ser encarado como uma espécie de prevenção às doenças. No *Tratado das Chagas em Geral*, ao falar no que se deve observar nas *cosas no naturales en los heridos*, o autor entre outras prevenções destaca que o paciente deve:

¹⁶ Ver DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente: 1300-1800: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, 471p.

“[...] evitar las passiones del anima, y el parlar con las mugeres.” (AYALA, 1705, p.68)

Outro pensamento que exercia grande influência na medicina do período era a astrologia. Ficam claras nos *Tratados de Medicina* as interpretações impregnadas de sentidos ligados àquela “ciência¹⁷”. A ausência de alternativas mais elaboradas fomentava a continuidade da prática astrológica e o poder de adaptação de suas concepções às mais diversas áreas de conhecimento do período, tais como a matemática, a filosofia e evidentemente a medicina.

Na *Materia Medica Misionera*, isso já fica claro nas advertências que o autor faz no início da obra sobre o modo de proceder com relação às plantas. A estação do ano, a fase da lua, assim como o momento do dia em que uma planta fosse colhida poderia influenciar na sua eficácia:

“1° Combiene q.e cada cosa se coja y guarde a su tempo en su própria rason, y con las circunstancias q.e se dirá porq.e segun esto se hiciere seran las medicinas provechosas, o danosas y banas quiero decir seran eficaces en su obrar, o de ningun alibio y assi por consequência pueden ser danosas, o alomenos sin efecto. **2° Ande coger en tiempo sereno; q.e ba mucho en congerlas en tiempo seco o humedo, y q.e la Luna este meguante en el ultimo quarto.**” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790, *Advertencias necesarias*) (grifos nossos)

¹⁷ “No início do século XVI, a astrologia fazia parte da imagem que o homem culto tinha do universo e do seu funcionamento. Era geralmente aceito que os quatro elementos que constituíam a região sublunar- terra, ar, fogo e água- eram mantidos no seu estado de incessante permuta pelo movimento dos corpos celestiais. Os vários planetas transmitiam diferentes quantidades das quatro qualidades fisiológicas de calor e frio, segura e umidade. [...] A astrologia era assim menos uma disciplina separada que um aspecto de uma imagem do mundo aceita por todos. Ela era necessária para o entendimento da fisiologia e, portanto, da medicina.” (THOMAS, 1991, p. 238)

Ao falar sobre cada planta, essa percepção é mostrada na prática. Para ilustrar, trazemos uma passagem em que o autor faz menção à *Criadilla de Tierra Dulce* ou *Mangara* no idioma indígena. Considerada grande remédio para catarras, asma e outras moléstias do gênero, ela deveria ser colhida da seguinte maneira: “*Las raíces del Mangara dulce cojidas en menguante de la Luna de Junio o Julio y bien limpias de la tierra se guarda para el año, p.ara el uso de medicina [...]*” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790, p.163)

O movimento da lua e dos planetas não exercia influência somente nas plantas medicinais utilizadas no tratamento das doenças, mas também podia alterar o estado da própria moléstia e, por correlação, do corpo humano. Ao escrever sobre os prognósticos das escrófulas, Ayala fazendo menção a outro autor citou que: “*El segundo es de Paulo, lib.6. cap.35, y dize, que siguen el movimiento de lo Luna, y que son contagios en criatura, y siendo malignos, antes se irritan com obras de manos, que se curan [...]*” (in AYALA, 1705: 50)

No Tratado de Ricardo Le Preux, destinado exclusivamente aos sangradores sem exame para cirurgião, podemos observar que o conhecimento astrológico é exposto de uma maneira restrita. Essa limitação está fundada principalmente na divisão profissional determinada por lei, existente para os profissionais ligados à área da saúde. Dessa forma, ao mesmo tempo em que demonstra ter um conhecimento profundo das duas ciências para o qual estava habilitado¹⁸ o autor não ultrapassa os limites impostos pelo Protomedicato¹⁹.

¹⁸ Ricardo Lepreux era “Primer Cirujano, y Sangrador de la Reyna nuestra Señora (que Dios guarde) de los serenissimos Infantes, Alcalde, y Examinador Mayor del Real Proto-Barberato.” (Doctrina Moderna para los Sangradores, Capa)

¹⁹ “Las funciones del Tribunal fueron, en primer lugar, examinar y conceder licencias de ejercicio a los médicos, cirujanos

É importante destacar também a complexidade da compreensão do estudo astrológico. Isso limitava o alcance desse sistema de crenças o que impunha a necessidade de um “conhecimento superior” para o domínio da mesma. O que, em parte, explica o limite que Le Preux deu ao seu texto, ao não aprofundar questões dessa natureza, fato ao qual ele faz menção no prólogo da obra:

“Aviendo compuesto este Tratado unicamente para los Sangradores, que no están examinados de Cirujanos; no he querido passar los limites, que les están prescritos por la ley. Si lo huviera hecho para unos, y otros [...]

No huviera omitido el error, en que están muchos, de hacer costumbre de sangrarse en la Primavera sin necesidad; y huviera advertido, que en las sangrías se debe atender al temperamento, à la edad, à los alimentos, al sexo, à las diferentes estaciones del año, al clima, à la costumbre, y à otras muchas circunstancias;” (LE PREUX, 1717, Prologo)

Essa carga de superstições presentes nas práticas curativas do Antigo Regime não se encontrava exclusivamente ligada às questões religiosas ou astrológicas, vinculadas à esfera do sagrado ou do sobrenatural. Muitas dessas concepções estavam ligadas ao que se tinha por científico ou aquilo que era o menos empiricamente comprovado. Isso autenticava uma série de pensamentos e atitudes curiosas e que, por vezes, ainda podem ser vistas

y boticarios, además de a toda una serie de ocupaciones sanitarias como especieros, herbolarios, ensalmadores o matronas. La segunda función fue el control del ejercicio de las diferentes profesiones y ocupaciones sanitarias, quedando los que las desempeñaban sujetos en sus personas y bienes a la jurisdicción civil y criminal del Protomedicato. Por ello, también se ocupaba de perseguir y castigar el intrusismo, especialmente el ejecutado con “artes mágicas”, también el ejercicio de la medicina con procedimientos empíricos o científicos, sin el pertinente título y autorización.” (TERRADA, 2007, p.96)

na atualidade. Ao trabalhar os desmaios, Ayala atenta para o perigo que corriam os que poderiam se defrontar com este achaque.

Ele considera o desmaio proveniente ou de “*uma grande resolucion de espiritus vitales*” ou então originário de “*grande miedo*”. No segundo caso, o autor destaca que “*todos los espiritos van al coraçõn à socorrerle, u con aquela compresion pierde la accion natural.*” (AYALA, 1705, p.71) Mostrando a seriedade da situação ele adverte que: “*de ninguna manera lo hemos de despreciar, porque es puerta del fin de la vida.*” (AYALA, 1705, p.72)

Já descrevemos a importância que os amuletos ligados à Igreja ocupavam naquele período. No imaginário popular, terços, relíquias de santos, assim como rezas e sacramentos podiam conter em si os fundamentos da cura. Mas havia também amuletos que eram destituídos de caráter divino e tinham sua fama alicerçada pela experiência comprovada através dos séculos na sua eficiência para o enfrentamento de determinados problemas.

Muitos desses talismãs eram, por vezes, classificados como panaceias universais, capazes de combater todos os males ou toda uma classe de doenças. Dentre estes, a mais destacada foi a pedra bezoar, um tipo de concreção calcária que podia ser encontrada nas vísceras de ruminantes e que encontrou grande sucesso especialmente como contra veneno. Usada como amuleto ela evitaria a aproximação das víboras e se houvesse uma picada ela poderia ser utilizada como terapêutica de maneira isolada ou acompanhada de alguma planta. Havia também uma variação no uso que poderia se dar através da composição de alguma receita ou simplesmente esfregando a pedra pelo corpo²⁰.

²⁰ “Muitos cronistas do século XVI acreditavam no poder das pedras preciosas contra os venenos, pois elas se romperiam ou se manchariam caso fossem encontradas no alimento

Montenegro descreve a sua utilização para doenças do fígado, do ventre e, também, no tratamento da varíola que, como se sabe, dizimou tribos inteiras quando do contato entre europeus e indígenas²¹. Nesta receita, a pedra era um dos ingredientes de um receita a base de uma planta chamada *calamita menor*: “[...] *es unico en los q.e las virguelas se les metieron p.r lo interno mayorm. te sile añaden quatro ojas de (ilegível) y una dragma de piedra besar y dos onsas de asucar y ponen muy obligados a sudar [...]*.” (MONTENEGRO SJ. [1710], 1790, p.61)

Os pouco recursos materiais existentes para a cura, assim como a dificuldade para a obtenção dos mesmos, especialmente em lugares mais recônditos, obrigava a população em geral, assim como os profissionais ligados às artes de curar de se servirem do que estivesse à mão. Recursos vegetais e até mesmo animais eram componentes constantes no receituário médico dos séculos XV ao XVIII, como afirma Márcia M. Ribeiro:

“A concepção da doença como força sobrenatural, a visão mágica do corpo, frequentemente sujeito à ação de forças externas, o uso de amuletos e a larga utilização de plantas e animais na confecção das mezinhas eram comuns não apenas nos meios populares, mas também em importantes tratados de medicina.” (RIBEIRO, 1997,p.43)

que estivesse envenenado, ou mesmo serviriam de antídoto quando tomadas moídas [...] As pedras são consideradas antídotos e contra-venenos não só quando ingeridas, como também quando aplicadas externamente nas picadas de animais peçonhentos.” (CARNEIRO, 1994, p.85)

²¹ As epidemias foram frequentes quando do contato do Europeu com o indígena, Ashburn destacou que: Como se registrou em várias regiões da América, muitas vezes as epidemias iniciavam em um ponto qualquer e amainaram milhares de quilômetros depois, matando centenas de milhares (ASHBURN in NOELLI; SOARES, 1997, p.167).

O tratamento que Ayala traz para a erisipela nos permite observar esse costume de maneira efetiva: “*La conjunta, con los repercusivos largos, frios, y humedos, como el zumo de lechugas, el de verdolagas, el zaragatona, el de lentejos, en unos lenços se pongan frias, y no guardar à que se calienten, mudandoles muy à menudo.*” (AYALA, 1705, p.45) O uso de lechugas (alface), assim como de lentejos (lentilha) entre outros vegetais, nos permite constatar que estas plantas estavam à mão, provavelmente plantadas para o consumo, tendo sua utilidade modificada em função da necessidade curativa e sua eficácia comprovada pela observação cotidiana.

Apesar de causar certo estranhamento para quem pensa a partir da atualidade, o uso de animais ou de pedaços dos mesmos era largamente empregado no enfrentamento das doenças. Ainda nos *Princípios de Cirurgia*, Ayala nos traz uma ilustração sobre o assunto em questão ao tratar sobre a cura do *pasmo* em que recomenda: “[...] *la conjunta, com fomentos en los emuntorios de azeyte de raposo, azucenas, y ladrillos bien calientes, y azerles que se bañen en azeyte.*” (AYALA, 1705, p.70) (grifos nossos)

Não eram somente animais que podiam ser úteis para a cura. Os próprios seres humanos através de pedaços de ossos de defuntos ou mesmo de fezes, urina entre outros, eram largamente utilizados sem nenhum desconforto. Muitas vezes não havia explicação para essa utilidade e os próprios médicos atribuíam a certos fenômenos que são estranhos a razão humana²². Na obra de Le Preux esse recurso é

²² O Doutor Curvo Semmedo, adverte sobre as qualidades ocultas ao explicar como soltar sanguessugas presas à garganta ou outros lugares delicados: “Sanguijuelas pegadas en la garganta, ò en outra parte tan remota, que no puedan llegar a ela los remedios, para echarla fuera, es remedio eficacíssimo atar un hueso de difunto sobre el lugar en que estuviere la sanguijuela, de suerte que el hueso toque en la carne: es experiencia que se ha hecho muchas veces, con admiracion de las personas incrédulas, que obstinadamente niegan las virtudes, y qualidades ocultas.” (SEMMEDEO, 1735, p.69)

demonstrado em uma receita para as dores de dente: “[...] *tambien se pondrà en las artérias Sieneticas unos pegadillos de incienso molido, y leche de muger, y otros detrás de las orejas: o unos parchecitos de emplasto divino.*” (LE PREUX, 1717, p.116) (grifos nossos).

Porém, a busca por um aprimoramento dessas técnicas curativas, podia ser observada no empenho que médicos demonstravam em conhecer cada vez mais a fundo os segredos do corpo, assim como a composição dos elementos químicos. Podia ser notada também uma observação constante e cada vez mais rigorosa da natureza²³. Naturalistas que viajavam aos novos territórios descobertos, assim como os religiosos missionários que vivenciaram o dia a dia das comunidades autóctones, aprenderam nas trocas com as mesmas, a observar o meio que os circundava e aplicar suas qualidades da melhor maneira possível.

CONCLUSÃO

A análise dos Tratados Médicos *Regimento proueytoso contra ha pesteneça* (c.1496) de Dom Raminto, *Princípios de cirurgia* (1705) de Ayala, *Doctrina moderna para los sangradores* (1717) de Le Preux e o manuscrito da *Materia Medica Misionera* ([1710] 1790) do irmão Pedro Montenegro revelou a forte presença de preceitos mágico-rituais aplicados à arte de curar no Antigo Regime. A desassistência em que se encontravam as pessoas, assim como a influência e a força exercidas pela Igreja, podem ser considerados como bons eixos explicativos para

²³ Um excerto da obra de Montenegro deixa clara essa predisposição à observação do meio: “Y si mis ocupaciones y salud dieren lugar pretendo sacar a luz otras nuebas plantas q.e vi hacien su inquisission, y algunos animales, y pássaros, y Abes de partes medicinales, de q.e tengo ya algunos apontamentos no de poca importancia [...]” (MONTENEGRO, [1710], 1790, prólogo)

a permanência dessa visão em relação às práticas de cura.

Não devemos, contudo, desconsiderar o sofrimento que envolvia os procedimentos terapêuticos baseados nos princípios hipocrático-galênicos vigentes no período, tanto em cirurgias, quanto na aplicação da tríade *purga, evacuação e sangria*. Deve-se somar a isto, o perene medo da doença e da morte que reforçavam o apego ao sobrenatural e ao religioso, que acabavam por confortar doentes e moribundos.

A evolução do conhecimento científico decorrente da intensificação da experimentação e do emprego de novos elementos químicos, da criação de novos instrumentos cirúrgicos e da ampliação do conhecimento sobre a anatomia humana acabou por qualificar os profissionais da saúde e por determinar outros procedimentos de cura. Isto, no entanto, não impediu que saberes populares e práticas curativas mágico-rituais se mantivessem como recurso largamente empregado no combate às doenças e na minimização de seus sintomas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. **Medicina mestiça**: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas. São Paulo: Annablume, 2010. v. 1. 218 p.

AYALA, Geronimo de. **Principios de Cirurgia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad**. Valencia: Jayme de Bordazar, 1705.

BLOCH, Marc L. B. **Os Reis Taumaturgos**. O caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra. São Paulo: Schwarcz, 1993. 433 p.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1> Acesso em: 12 jun. 2011.

BURKE, Peter. **A Arte da Conversação**. São Paulo: Ed. UNESP, 1995. 219 p.

CARNEIRO, Henrique. **Filtros, Mezinhas e Triagas**: as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã, 1994. 210 p.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Brasília: Ed. UNB, 1994. 111 p.

_____. **A aventura do Livro**. Do Leitor ao navegador. São Paulo: Ed. UNESP, 1998. 160 p.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**: 1300-1800: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 471 p.

EDLER, F. C. (Org.) **Boticas e Pharmácias**. Uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. 160 p.

FERNANDES, C. R.; JACKSON, Ricardo. O Alvorecer da Anestesia Inalatória: Uma Perspectiva Histórica. **Revista Brasileira de Anestesiologia** [Online], São Paulo, v. 52, n. 6, p. 774-782, 2002.

LE GOFF, Jacques. **As Doenças têm História**. Lisboa: Terramar, 1984. 368 p.

LE PREUX, Ricardo. **Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia**. Madrid: Imprenta de Francisco de Yerro, 1717.

MONTENEGRO, Pedro. **Matéria Médica Misionera**. [1710], 1790 (manuscrito).

NOELLI, F. S.; SOARES, A. L. R. Para uma história das epidemias entre os Guarani. **Diálogos**, Maringá, v. 1, p. 165-178, 1997.

REIS, Ivoni. F. Um mapa da medicina antiga: Entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. **Revista de historia de la medicina y epistemologia medica**, Buenos Aires, v. I, p. 01-14, 2009.

RIBEIRO, M. M. **A ciência dos trópicos**: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997. 150 p.

SEMMEDO, João Curvo. **Secretos Medicos y Chirurgicos**. Madrid: Juan de Zuñiga, 1735.

SOUSA, Jorge Prata de. Uma apresentação: o Regimento proveitoso contra a pestilência (c.1496). **História, Ciências, Saúde**, Mangueiras, v. 12, n. 4, p. 1-11, 2005.

TERRADA, María Luz Lopez. El control de las prácticas médicas en la Monarquía Hispánica durante los siglos XVI y XVII: el caso de la Valencia Foral. **Cuadernos de historia de España**, Buenos Aires, v. 81, p. 1- 112, 2007.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Schwarcz, 1991. 724 p.

VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**. Da Renascença às Luzes. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. 663 p.